

Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal.

Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho | 29 de abril 2022
Apresentação do catálogo da exposição.

Hugo Aluai Sampaio¹

Antes de falarmos do livro que aqui se apresenta, deveremos primeiro abordar o que acontece a montante do mesmo, já que este não pode ser encarado de forma isolada. Assim, este livro é a materialização de um projeto que dá os seus primeiros passos através da parceria estabelecida entre o Museo Arqueológico Regional de Madrid (pela pessoa de Enrique Baquedano Pérez) e o Museo Arqueológico Provincial de Alicante (pela pessoa de Jorge Soler A. Díaz). Este último e Primitiva Bueno Ramírez (Professora Catedrática na Universidade de Alcalá) estavam a trabalhar na temática dos ídolos, muito pela necessidade de reavivar um tópico de investigação que lhes parecia algo esquecido. Além disso, era igualmente vontade destes potenciar o olhar arqueológico internacional para a Península Ibérica, dada a sua inquestionável riqueza.

Estava assim dado o primeiro passo, através da parceria entre o Museo Arqueológico Regional de Madrid e o Museo Arqueológico Provincial de Alicante para poder ter a logística e a capacidade económica para levar a cabo um projeto tão ambicioso que implicava, acima de tudo, a criação de seguros que protegessem a integridade física e a salvaguarda do valor arqueológico-histórico de peças de insubstituível valor.

A 29 de janeiro de 2020, no Museo Arqueológico Provincial de Alicante, era inaugurada a exposição intitulada *Ídolos. Miradas Milenares*, comissariada por Jorge Soler Díaz e Primitiva Bueno Ramírez. Para esta mostra, que teria em exibição 226 peças, o Museu Nacional de Arqueologia cederia 37 peças da sua coleção, como ídolos, placas de xisto e vasos cerâmicos, entre os quais figuravam 8 artefactos classificados como Bens de Interesse Nacional. No total, teria recebido quase 29 000 mil visitantes. A 28 de julho desse mesmo ano, a exposição itinerante seria recebida pelo Museo Arqueológico Regional de Madrid, em Alcalá de Henares, local onde esteve exposta até 10 de janeiro de 2021. Por força da Covid-19, a exposição acolheu apenas cerca de 16 000 visitantes.

¹ Licenciado em Arqueologia, Pós-graduado em Turismo, Inovação e Desenvolvimento e Doutoramento em Arqueologia da Paisagem. Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Braga), Investigador Integrado do Laboratório de Paisagens, Património e Território (Lab2PT). Investigador Colaborador do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação em Turismo, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (Barcelos).

De 09 de abril a 17 de outubro de 2021, a exposição *Ídolos, Olhares Milenares* esteve patente no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. As características únicas do edifício que a recebeu, o Mosteiro dos Jerónimos, obrigou a uma reprogramação e remontagem pensada, obviamente, tendo em conta aquele espaço histórico. No total, reuniu 270 bens culturais. Destes, 155 seriam provenientes de 16 museus espanhóis e de um colecionador particular, e 115 de território luso. Entre estes últimos, contavam-se 77 pertencentes ao Museu Nacional de Arqueologia, entre os quais figuravam 21 Bens de Interesse Nacional. O restante espólio, pertencente a 11 instituições da Administração Central, Regional e Local, espelha parte do vasto e rico património arqueológico que Portugal detém e que, neste caso, representa 35 municípios portugueses distribuídos por 10 distritos. Tal implicou a colaboração entre diferentes pessoas e entidades portuguesas e espanholas, não só concedendo a oportunidade única para, pela primeira vez, se poder observar um tão rico conjunto de objetos num mesmo espaço museológico, como lançar um olhar renovado sobre as comunidades neolíticas e calcolíticas locais.

É deste contexto que resulta, então, o livro/catálogo que aqui se apresenta, intitulado *Ídolos, Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. É inegável o seu valor no que concerne à já conhecida e mais recente informação reunida sobre a temática dos ídolos. A publicação contempla 357 páginas e conta com 15 capítulos da autoria de 23 investigadores. Mais do que um simples e efémero catálogo, neste livro são contempladas diferentes abordagens teóricas, tanto sob o olhar de perspetivas historiográficas, como do ponto de vista de perspetivas que se embrenham na relação entre ídolos e contextos megalíticos, entre ídolos e outros contextos funerários, não esquecendo, de igual forma, a relação entre ídolos e contextos não funerários.

Entre muitos outros aspetos positivos, destacam-se como mais-valias o facto de (1) o seu conteúdo abarcar a temática dos ídolos de Norte a Sul de Portugal, da costa Atlântica ao interior continental e do Neolítico ao Calcolítico; (2) valorizar as várias escolas científicas que se plasam nas diferentes perspetivas apresentadas, sendo, pois, uma compilação de conhecimento livre, cujo pilar é fundamental para a reconhecida qualidade científica; (3) acrescentar valor à necessária e constante revisão dos dados, assumindo credibilidade científica e pluralidade interpretativa; (4) assentar numa abordagem holística que olha o fenómeno como um todo e não de forma isolada; e (5), não menos importante, reflete igualmente questões relacionadas com a igualdade de género na ciência, ao apresentar um discurso equilibrado no número de contribuidores, nomeadamente investigadoras e investigadores.

Mas então, do que falamos, quando falamos em ídolos? Pegando nas palavras de Bueno Ramírez e Soler Díaz (2021, p. 27), ídolos são *pequenas imagens de corpos humanos que, presumivelmente vestidas com mantos com decorações geométricas, por vezes com capuzes ou adornos na parte superior da cabeça e penteados sofisticados (tranças elaboradas), se exibem geralmente em pé, frente ao espectador*.

Apresentam diferentes tamanhos que vão de pequenas peças utilizadas como pendentes pessoais a figuras associadas a algum outro material ou expostas como pequenas estelas sobre altares ou em recintos circunscritos. Segundo aqueles mesmos autores, os ídolos são modelos em formas codificadas que recolhem, por um lado, as imagens reconhecíveis na arte esquemática: cruciformes, ancoriformes, bi e tritriangulares, e, por outro, a forma dos próprios suportes megalíticos, alongados e com volume, como os bétilos e cilindros em todas as suas versões, reproduzindo formas clássicas de menires; ou planos, como as placas, tal como esteios decorados e estelas, além de um importante conjunto de objetos: bolotas, bainhas de possíveis punhais cerimoniais, sandálias, polidores, caixinhas decoradas, machados encabados, foices e, com muito destaque, báculos decorados (Bueno Ramírez e Soler Díaz, 2021, p. 29).

Tais representações deixam vislumbrar eventuais contatos ideológico-culturais suprarregionais entre diferentes populações dos 4.º e 3.º milénios a.C. Ainda que sejam mais as questões que as respostas, as práticas de criação, manipulação e deposição de ídolos poderiam exteriorizar metaforizações dos antepassados, funcionar como “ferramentas” ao serviço da memória coletiva ou denunciar representações de poder social baseadas na ancestralidade.

A complexidade desta temática está bem patente na variedade dos suportes utilizados e das formas que os mesmos podem adquirir. Ainda assim, são claros e evidentes os particularismos que os individualiza das restantes criações europeias suas sincrónicas, daí revelarem-se tão característicos da Península Ibérica e deterem um especial valor no quadro da compreensão da Pré-História Recente da Península Ibérica. Poderão ser vistos como a fusão entre a matéria e a mente, onde materiais aparentemente inertes representam uma (ou mais) mensagens. Poderão ser vistos como a fusão entre a forma e a função, imbuídos de valor simbólico ou mundano, fosse para uso individual ou coletivo, funcionando como marcadores de linhagens ou como estímulo à agregação social. Poderão ser vistos como a fusão entre o significado e o contexto, envoltos de um carácter extraordinário e ritualista, corporizando ações celebrativas, protecionistas ou de evocação do passado e dos ancestrais. Ora, o manto semiótico que o cobre permite, independentemente das problemáticas em aberto, perceber diferentes aspetos idiossincráticos de foro socioideológico e mágico-ritual. Com eles é possível aferir proveniências e influências, estatutos no seio das comunidades, papel dos géneros, sistemas de crenças e confrontação ou lide com a morte, bem como aspetos da vida quotidiana. No cômputo geral, torna-se evidente a forte relação com, e a centralidade do sol em muitas destas representações. Tal, por sua vez, denuncia claras afinidades com pinturas parietais ibéricas em abrigos de ar livre e em arquiteturas megalíticas onde surgem figuras com braços erguidos ao sol, rostos com olhos de sol, ou onde se percebe mesmo uma aparente hierarquia de figuras humanas representando o sol nesses painéis rupestres. Como tantos outros exemplos que a Arqueologia nos mostra, a alteração dos contextos destas figuras permite pensar que as suas funcionalidades e simbologias poderão ter servido diferentes propósitos. Muitas destas

figuras mostram inequívocas relações com construções megalíticas, facto que permite vislumbrar comportamentos contemporâneos à sua ereção e utilização. Outras, parecem representar longas biografias que, em muitos casos, mostram ser mais antigas que as tumulações que acompanharam. Os diferentes tipos de geologia utilizada, com preferência por colorações escuras para certas peças, e de cores mais claras para outras, as próprias características das matérias utilizadas, a sua relação com os contextos de deposição, a codificação das decorações representadas, por certo querem informar-nos sobre a proveniência e as relações dos que produziram, usaram, exibiram, manipularam e depositaram estes objetos de exceção. Em última análise, é uma forma de tentar chegar a muitos dos aspetos de cariz simbólico das sociedades ibéricas do Neolítico e Calcolítico.

Placas, pendentes, estatuetas, bétilos, cilindros, cruciformes, ancoriformes, por vezes com indícios de pintura, recorrendo ao uso de pedra, de osso, ou terracota, entre outros materiais (dos quais não se pode excluir a madeira), demonstram a criatividade e a destreza cognitiva destas sociedades. O uso de matérias-primas exógenas, a padronização e a especialização artesanal, a dispersão geográfica, parecem-nos indícios fortes que corroboram a intensificação dos contactos entre os mundos atlântico, mediterrânico e continental desde as fases mais antigas do Neolítico da Península Ibérica, vincando a riqueza multivariada destas peças cuja ponte para a compreensão do passado nos parece irrefutável. Mais que um catálogo, esta obra projeta o tema dos ídolos para o futuro.

Referência bibliográfica: Bueno Ramírez, P. & Soler Díaz, J., coord. *Ídolos: Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM)/Museu Nacional de Arqueologia, 2021.